

A PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DOS CURSOS DE LICENCIATURA: RECIPROCIDADE ENTRE ENSINO SUPERIOR E ESCOLA¹

Giovanna Pinto Gularte¹

¹ Pedagoga. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas /RS. Professora do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão/IFMA - Campus Zé Doca, e-mail: giovanna.gularte@ifma.edu.br.

Resumo: Este trabalho tem como referência os questionamentos e saberes discentes, em formação para o exercício do magistério, quanto ao possível distanciamento entre ensino superior e escola básica. Repensando sobre tal questão necessitou-se, a partir de uma pesquisa bibliográfica, evidenciar primeiro a necessidade da educação para o homem bem como do conhecimento para a sociedade. Com isso, observamos e revemos as políticas de reciprocidade indigitadas para as instituições de ensino e as possibilidades da formação docente inicial por meio dos estágios e práticas. Por fim tratamos sobre o conhecimento e sua democratização, destacando algumas ações do ensino superior e da escola, na intenção de apontar as possibilidades de reciprocidade entre as instituições.

Palavras-chave: Conhecimentos. Democratização. Reciprocidade.

INTRODUÇÃO

Constantemente, em orientação de estágios, escutamos por parte dos acadêmicos, de forma expressa em seus relatos, a queixa de um sentimento de distanciamento entre ensino superior e escola. Os relatos nos apontam que existe perceptivelmente uma breve aproximação entre estes dois níveis educativos somente na realização dos estágios que procedem da academia na escola.

A fala insistente e denunciante, também anuncia que existe um pensar quanto a uma existência de olhares diferentes sobre o conhecimento. De que existe um conhecimento concreto em um sistema e um conhecimento ainda abstração em outro. Então, nos perguntamos se a educação escolar² essencialmente produtora de conhecimentos necessários para vida do homem, precisa ser revista em seu sentido e importância tanto para o ensino superior como para a escola fundamental?

Isso nos causa inquietação e nos fez analisar alguns estudos e escritas sobre a questão relação e denunciado distanciamento entre escola e ensino superior, como uma problemática que precisa ser por nós revista e insistido o valor e necessidade de cooperação entre ensino superior e escola.

¹ Pesquisa Bibliográfica realizada a partir de Relato de Experiência de Supervisão de Estágios Obrigatórios e Estagiários.

² Segundo a LDB, a educação do Brasil desde a educação infantil até pós-graduação é uma educação escolar, se caracteriza em uma educação institucional nos aparelhos escolares.

Escola e Ensino Superior: pareando conhecimentos por meio de políticas de reciprocidade e formação

Nossos estagiários constantemente evidenciam em suas falas a necessidade da produção de um conhecimento “real”. Ao questionarmos porque a existência de dúvidas quanto ao conhecimento que está na escola, indicam perceber um distanciamento aparente entre ensino superior e escola, e assim uma possível fragilidade no conhecimento demandado e produzido, em sua contextualização.

Porém, o que lampeja e detém nossa atenção é a insistente fala que coloca em questão a relação de parceria entre ensino superior e escola. Percebemos por meio de nossa leitura exploratória que na atualidade há, sim, indícios da existência de uma fragmentação um distanciamento entre academia e escola.

Segundo Mario Osório Marques, o discurso da base comum nacional a muito tempo denuncia e tenta, de alguma forma, propor a superação da fragmentação e da desarticulação dos conhecimentos providos da academia e da escola. Esses elementos se manifestam segundo o autor

[...] no divórcio entre teoria e prática; [...] nos estágios curriculares e nas práticas de ensino divorciadas do todo e postas á margem dos cursos; [...] na desvinculação existente entre a educação, a escola e a dinâmica social ampla; [...] nos distanciamentos das instancias formadoras entre si e delas com os sistemas de ensino e redes de escolas do ensino fundamental e médio; na desarticulação do ensino superior e os demais graus;[...]. (MARQUES, 2003, p. 37)

Encontramos por meio desse pesquisador os indícios do que está distanciando aquilo que deveria estar aproximado, a relação entre escola e ensino superior.

O programa Todos pela Educação³ em um dos seus documentos informativo, que apresenta suas discussões sobre a educação realizadas em seu Congresso Internacional “Educação: uma Agenda Urgente” de 2011, afirma que:

É preciso que as universidades estejam alinhadas com as escolas na formação dos professores da Educação Básica. Esse foi o consenso a que chegaram especialistas reunidos na sessão “Formação inicial do professor”.(TPE, 15 de setembro de 2011, online)

Desde 1990 leis e parâmetros são propostos como políticas para o avanço no que diz respeito ao estreitamento de relações entre a escola e instituições de formação para o exercício do magistério. Tem sido posto o olhar e a revisão sobre o tempo de práticas, que necessitam estarem

³ O “Todos Pela Educação” é um movimento financiado exclusivamente pela iniciativa privada, que congrega sociedade civil organizada, educadores e gestores públicos que tem como objetivo contribuir para que o Brasil garanta a todas as crianças e jovens o direito à Educação Básica de qualidade.

justapostas sobre a experiência docente e a realidade escolar/educacional. E, isto, que seja evidenciada já na formação inicial docente.

Algumas resoluções propuseram a demarcação nos planos de formação de horas-campo e o aumento de carga horária da prática de ensino, os estágios. Essas políticas ainda são responsáveis por debates intensos quanto ao perfil do egresso desejado, ou seja, um licenciado que pode em sua formação perceber a realidade social de forma crítica.

Para Maévi Anabel Nono, tanto o egresso como o estagiário se desestabilizam frente a realidade escolar. Em suas pesquisas a autora aponta que professores iniciantes advindos dos cursos de formação precisam adaptar, muitas das vezes, a imagem ideal que ainda é oportunizada por muitos professores do ensino superior “*à dura realidade da sala de aula*”. (NONO, 2011, p. 21)

O quadro acima descrito pelas pesquisas nos dá a possibilidade de apenas confirmar e apresentar a realidade de formação ainda imperante em nosso sistema de formação, mesmo com todas as propostas feitas para a aproximação da academia com a escola, do “alinhamento” indicado.

Porém, ao deter nossa atenção a demarcação de um “alinhamento” proposto, nos direcionamos para aquilo que elencamos como sendo duas importantes emanações possíveis destas políticas vertidas, que são: A democratização do conhecimento; Possibilidade de reflexão quanto ao compromisso de formação das instituições, na detecção e busca de respostas para os problemas enfrentados na educação atual. Tentemos então exaurir tais itens.

Democratização do conhecimento

Podemos dizer que a educação é a matéria prima da riqueza de um país, quando produz conhecimento. Tal afirmação se sustenta no que diz o ex-ministro da educação Fernando Haddad, em um de seus escritos. Segundo ele, podemos afirmar isso, na medida em que compreendemos que:

A educação é um insumo básico para o desenvolvimento científico e tecnológico de um país e, conseqüentemente, para a inserção soberana e sustentável do Brasil no cenário internacional. Hoje, o conhecimento é a principal riqueza das nações. (HADDAD, 2005, p. 10)

Por este viés, a educação como matéria prima, assemelha-se ao que já tratamos de explicitar, ou seja, a educação é uma necessidade. O mesmo autor nos auxilia a encaminhar a ideia de que a educação desenvolvida no ensino superior é aquela que produz conhecimento científico para o desenvolvimento almejado. Ele nos diz que “*outra questão central para o Brasil é assegurar o papel estratégico da universidade para a produção científica*”, eis a importância do ensino superior

para a educação. (HADDAD, 2005, p. 10) Sustenta-se que a educação, o ensino superior, tem seu valor para o desenvolvimento de um país quando gera conhecimento científico. Pois, existe a necessidade de se gerar conhecimentos, o que conseqüentemente traz a uma sociedade o desenvolvimento, quer seja de um sujeito ou de um país.

Para Fernando Haddad é preciso também que o conhecimento seja democratizado, ressaltando em seu texto que:

[...] é indispensável democratizar e direcionar a ciência e a tecnologia para o atendimento das demandas locais, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades regionais e sociais do país, o que demanda uma ação sistêmica na educação, com políticas de acesso e qualidade em todos os níveis e modalidades de ensino, da alfabetização à pós graduação.(HADDAD, 2005, p.11)

Isso, não é novo, já foi pensado e repensado por muitos outros estudiosos, muito além deste pretencioso estudo aqui por nós relatado. Por isso, retomamos alguns pensamentos de John Dewey em seus estudos sobre a democracia. John Dewey foi um dos maiores defensores da democracia instituída por meio da escola na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Ele afirmou que é possível conceber uma sociedade melhor quando esta de pautar pela democracia, que é a única forma digna da vida humana. E, ainda, não se pode pensar na democracia sem se pensar na Educação. Vejamos bem. Devemos pensar em democracia e educação conjuntamente. Este estudioso, ao falar da democracia relativa à Educação, deixa claro que para isso, a sociedade,

[...] deve procurar fazer que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos [...] assim, a democracia é mais do que uma forma do governo, é uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada” (DEWEY, 1959, p. 93).

Dewey nos indica uma importante tomada de ação, quando insere em seu texto a necessidade de que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis. Ao destacarmos isso, o fazemos na intenção de apontar a continuidade do pensamento expresso por Haddad e anteriormente citado. Porém, o sentido de democracia para Dewey supera ao entendimento comum, indicando que a democracia está na associação, na experiência conjunta e das trocas por elas experimentadas. Tornado a se reafirmar no sentido também dado por Haddad.

Ensino Superior e Escola: buscando respostas para problemas

O pesquisador Reinaldo Matias Fleuri em seu livro “Educar para quê?” detectou que “São muitos e variados os problemas que nos defrontamos diariamente na prática da educação escolar.”

O mesmo autor nos auxilia a entender que “*Cada um deles exige de nós esforço para compreendê-los e para buscar soluções.*” (FLEURI,2001, p.15)

Eis, então, o conteúdo de interesse para a academia, o estudo dos problemas e a busca por soluções, uma forma de cooperar, de estreitar sua relação com a escola. Enfim, como dissolver o entrave que continua reforçando a falta de contato entre as instituições escola e universidade?

Sabemos, por meio de pesquisas, da existência de tensões permanentes entre as teorias pedagógicas e a realidade social concreta da escola. Mas, somente por uma atitude de parceria e cooperação mútua é possível vir a existir uma relação dialética, entre ação/teoria/ação, entre escola e ensino superior.

A escola em atitude cooperativa tem a oportunidade de oferecer à universidade questões de estudo do seu cotidiano docente, para que esta última redimensione a formação de professores e invista no professor pesquisador no cotidiano escolar. O ensino superior deve buscar respostas para os problemas enfrentados pela escola assumindo-os como seus.

Muitos são os projetos de pesquisa e de extensão, como também eventos, seminários organizados e promovidos pela universidade os quais fazem um chamamento à parceria. São propostas que possibilitam o compartilhar voluntário entre as instituições escola e universidade, com objetivo de busca de soluções e de estratégias a partir de diálogo, de discussões e análises das problemáticas nessas oportunidades.

Segundo Sonia Maria Siqueira Trotte “a escola tem a possibilidade de refletir sobre seus limites e suas possibilidades do seu compromisso em formar um aluno-cidadão, além de oferecer à universidade questões de estudo do cotidiano escolar .” (TROTTE, 2005, p.32) Outra forma de aproximação viável e de cooperação é a utilização do espaço de formação em estágio, tornando-o uma linha comunicativa e investigativa de demandas de análise dos conhecimentos pertinentes. Segundo a mesma pesquisadora já citada: [...] a universidade por sua vez, pode buscar as respostas para os problemas enfrentados pela escola pública, e ao mesmo tempo, redimensionar a formação de tais professores e investir no professor pesquisador do cotidiano escolar. (TROTTE, 2005, p.32)

Por meio de estágios, escola e ensino superior, tem a oportunidade de pensar a respeito dos problemas atuais da educação, produzindo novas referências, democratizando o conhecimento e repensando a formação inicial docente. Para alguns pesquisadores, a escola pode e deve ser tomada como eixo formação, ou seja, é preciso entender que as instituições escolares não formam apenas os alunos, mas também os profissionais que nela atuam. (BARROSO, 1997)

Sabe-se que a sociedade está em constante mudança, eis então a necessidade apontada pelos autores de se constituir espaços propícios para o encontro da escola e da universidade, da atualização das teorias e práticas. Por isso, reafirmamos que mais que uma parceria possível, existe uma parceria necessária para o avanço e superação na educação atual. (DEMO, 2004).

Considerações finais

As práticas de estágio revelam aos docentes do ensino superior questões pertinentes da docência. Em nosso caso, trouxe a questão posta aqui nos fez rever as bases da necessidade da educação e dos termos de cooperação entre instituições escolares.

Muito ainda precisa ser revisto quanto ao indicado distanciamento. Porém por meio de nossas leituras foi possível rever que muitas ações têm sido realizadas pelo ensino superior e pela escola para que o conhecimento seja democratizado.

Por fim, a educação ainda é uma vocação para o homem e o conhecimento uma necessidade para o homem e a sociedade que ele constrói.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, João (org.). O estudo da escola. Porto: Porto Editora, 1996.
- BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. –5. ed. – Brasília : Edições Câmara, 2010.
- DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- DEWEY, John. Democracia e educação. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1959.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educar para quê? Contra autoritarismo da relação pedagógica na escola. São Paulo: Cortez, 2001.
- HADDAD, Fernando. Educação para induzir e democratizar o conhecimento científico. In: Revista Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 1, p. 10-11, out./mar., 2005.
- MARQUES, Mario Osório. A formação do profissional de educação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- NONO, Maévi Anabel. Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação. Porto alegre: mediação, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia.4. ed. São Paulo: Autores Associados, 1981.
- SEVERINO. Antônio José. Educação e despersonalização na realidade social brasileira. In: MORAIS, R de.(Org.) Construção social da enfermidade. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. TPE. Universidade e escola têm que estar alinhadas na formação inicial de professores. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacaomidia/noticias/18821/universidade-e-escola-tem-que-estar-alinhadas-na-formacao-inicialdeprofessores/>. Acesso em: 15/09/2011.
- TROTTE, Sonia Maria Siqueira. A educação física e o projeto político pedagógico do Colégio Estadual Visconde de Cairu: proximidade ou distanciamento? Dissertação (Mestrado em Educação Física). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2005.
- VADERMARIN, Vera Vanessa. O discurso pedagógico como forma de transmissão de conhecimento. Caderno CEDES, 44. Campinas, São Paulo, 1998.